

CENSU

CÚPULAS DO DIABO



**NINGUÉM HÁ DE ME CALAR, SE ALGUÉM TEM
QUE MORRER, QUE SEJA PRA MELHORAR**

Namliw Osorrab Erierf

SINOPSE

CÚPULA DO DIABO

A corrupção no país espalhou-se de uma maneira tal, que o povo não tinha mais a quem recorrer, legislativo executivo e judiciário estão corrompidos, seja na esfera federal, estadual e municipal, os legisladores legislam em causa própria, não há mais a quem apelar, alguém tinha que mudar tudo isso. Diante de tantas mazelas, podridões institucionais e descalabros; aparece o salvador da pátria.

João, um cidadão comum, inconformado com as injustiças políticas cometidas em seu país, resolve com coragem e determinação fazer sua justiça, levantando suas armas com seu grito de alerta e lutando pelo povo, ele invade o palácio do congresso nacional e muda todo o curso da história.

Namliw Osorrab Erierf

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

1ª EDIÇÃO

REVISÃO:

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Wilman Barroso Freire

IMAGEM DA CAPA: montagem em transparência, Wilman Barroso Freire

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:

Todos os direitos reservados no Brasil, por Wilman Barroso Freire

End: SMS. Bl. C 1 – aptº. 201 – Sobradinho – Brasília-DF

Tel: (61) 82025026

Email: wilman.freire@gmail.com

Agradecimentos

Agradeço a todo povo Brasileiro

Quero fazer um agradecimento em especial a Ana Clara meu grande amor, que com carinho e atenção me incentivou a voltar a escrever novamente.

Nanliw Ossorab Erierf

Já não temos a quem recorrer, a única certeza é que os notórios corruptos permanecerão no poder! O Executivo não administra coisa alguma, muito pelo contrario, é de dentro do palácio, no trono da Presidência que começa as falcatruas mais tenebrosas, o Legislativo está envolvido até o pescoço em milhares de denúncias de corrupção e o Judiciário também contaminado por sua vez, fecha os olhos quando deveria fiscalizar. As maiores autoridades do país chafurdam na lama como porcos. Toda esta corrupção esse mar de lama e podridão está exigindo uma tomada de posição da sociedade. Talvez em forma de manifestação isolada, de protesto segmentado, reação coletiva através dos meios de comunicação, o povo precisa gritar mais alto, cobrar leis mais severas tanto para punir os que desviam os recursos públicos, quanto para inibir os que intentam fazê-lo.

R\$ 100 bilhões anuais, este á o valor que desaparece através dos ralos da corrupção e que estarrece e revolta a população, num país onde o governo reconhece a existência de 16 milhões de pessoas vivendo em condições de miséria absoluta.

A consagrada teoria de Montesquieu foi posto à prova aqui no Brasil, mais os poderes entenderam como conluio, teoricamente os três poderes deveriam ter poder igual para um fiscalizar o outro e assim haver equilíbrio. Mas o legislativo legisla em causa própria. O executivo executa o que vai beneficiar a si próprio. O judiciário garante a própria impunidade, “é o poder engolindo o

poder, é cobra engolindo cobra” e o principal poder é o pior deles, é aquele que emana do povo, porque fazem os Corruptos e corruptores para se tornarem homens e mulheres corruptíveis. O que vai ser desse país com toda essa anarquia imperada, sendo assim, é cada um por si e João contra todos.

João, nosso personagem principal como bem escreveu o músico e compositor Toquinho é um cidadão comum, como esses que se vê nas ruas, falava de negócios, política, futebol, religião, via show de mulheres nuas, vivia o dia e não o sol à noite e não a lua era um homem de bons modos, com licença foi engano, trabalhava em um jornal local como estagiário na área de comunicação, o dinheiro mal dava para se alimentar. Morava em uma pensão na W3 Sul em Brasília, que tinha que entrar de frente e voltar de ré, de um lado um bi cama do outro um guarda roupa, mal dava para se virar e ainda tinha que dividir o quarto com um sujeito esquisito por nome Manoel que trabalhava como dedetizador de baratas e ratos, agora imagina o cheiro do quarto com aquelas bombas de veneno que ele guardava ali, Manoel era tão doido que colocava numa caixa de sapatos dois ovinhos de lagartixa para chocar em baixo da lâmpada do quarto e quando nasceram as duas lagartixas ele as alimentava com ferrugem e fuligem misturado com alimento e dizia pra mim que tinha feito um trato com o diabo para ficar rico, certa vez ele me disse que iria a meia noite dar três voltas na igreja Dom Bosco que ficava perto da pensão, a onde o

diabo ia aparecer para ele em forma de bode e ali iria selar o trato que fizera; Nas coincidências da vida depois de três meses, não é que o doido do Manoel conhece uma médica que tinha uma mansão a beira do lago sul e se muda para casa dela “vai se saber as loucuras da vida.”

João por sua vez todas as noites quando voltava do trabalho, passava por um quiosque perto da pensão, comia um cachorro quente e ali via e ouvia em uma TV daquelas portáteis do Paraguai, noticiários em que dizia que seu ministro ia ajudar, mas esses ministros não podiam ajudar, eles estavam enlameados de corrupção dos pés até a cabeça; os anos passavam e nada de ajuda.

João formou-se em jornalismo e amadureceram suas idéias e convicções políticas, ele viu chegar ao poder vários presidentes de comportamento dúbio que hora marcava por conduta autoritária hora austera e por fim populista. Foi na ausência de organização política que o populismo abraçou intensamente o desenvolvimento da democracia. Aclimatado à imagem de um líder soberano, bondoso amigo dos pobres, as camadas populares se entregaram facilmente ao líder que demonstrava por meio de ações políticas e simbólicas, o seu compromisso para com as massas. Contudo, apesar de provedor de direitos camuflados e sórdidos, o líder populista também se colocou atrelado ao desenvolvimentismo almejado pelos vários setores da elite nacional e estrangeira. Esse estilo de governo e de comportamento político é essencialmente ambíguo e por certo, deve muito a

ambigüidade pessoal desses políticos, dividida entre o atendimento às demandas do povo e o fortalecimento de seu poder e ganância pessoal.

O que Isaías diz dos príncipes de Jerusalém no versículo (1:23), cai como luva no governo do presidente: Os teus príncipes são companheiros dos ladrões. E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e poderes; são companheiros dos ladrões, porque os defendem; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham, e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.

Nosso protagonista colecionava matérias de jornais sobre políticos e políticas contra o povo, preocupava-se com temas de caráter social e de dimensão política, ficava revoltado com a má distribuição de renda, inflação galopante e aumentos de impostos daqui e dali, sua revolta aumentava quando via e lia nos noticiários das beneficências e aumentos salariais de deputados, juizes, senadores, membros da alta corte governamental em até 200%, enquanto a classe trabalhadora tinha um aumento de 0,5 %, a impunidade e a corrupção corria a céu aberto em um galope rasante e assustador no país das corrupções; todos os poderes tomados por abusos e improbidades administrativas, greve por todos os lados, aumento assustador de instituições e sindicatos de ladrões, e uma corja de gestores larápios saqueando a nação; havia

poucos homens e mulheres com coragem para tentar dar um basta a essa barbárie insana dessas quadrilhas que tomavam conta do país, raça de víboras, sepulcros caídos, ladrões de merendas de crianças nas escolas, de remédios em hospitais, foi nessa ausência de organização e má gestão política dos dirigentes do país, que nosso personagem principal traça seu plano de entrar no palácio do congresso nacional para julgar nossos governantes.

Alberto Einstein já dizia “Algo só é impossível até que alguém duvide e resolva provar ao contrário”.

Um belo dia João ganha na quina da sena da loteria e embarca para o Rio de Janeiro para rever suas filhas que há muito tempo não via, chegando lá foi tomar uma cerveja em um barzinho; sentado em uma mesa a seu lado havia três rapazes conversando sobre política e má distribuição de renda no país, houve um momento na conversa que um deles falou em pegar suas armas e fazer alguma coisa em prol da população, porque armas eles tinham de sobra, só não tinham coragem de enfrentar o sistema, então João ofereceu um cerveja para os rapazes, nisso eles o convidaram para sentar-se à mesa deles, papo vai papo vem, sentiu que estava diante de traficantes da pesada, ao falar que morava em Brasília e que tinha vontade de explodir o congresso, abriu-se um leque de opções de compra de armas; como João tinha que ver sua ex e suas filhas, marcaram para o outro dia para escolha das armas.

Chegando a Ilha do Governador foi grande a sua alegria ao rever e abraçar suas três filhas, Rosa, Marta e Maria; foi grande a festa das meninas naquele dia, água de coco na praia e sorvete na orla, foi um dia inesquecível. Na manhã seguinte João foi se encontrar com os caras das armas no bar combinado, mal toma o primeiro gole de cerveja, aparece Tião medonho para levá-lo ao arsenal que ficava no morro do alemão, sem medo nenhum, entra no carro e vai de encontro ao desconhecido, no caminho pensava! “tudo acontecendo e eu cheio de dinheiro no banco não vou ficar aqui dando milho aos pombos e nem sentar-me no trono de um apartamento esperando a morte chegar”, meu destino já está traçado e não tem volta; chegando ao morro entra na casa de Tião que logo o leva a um quarto repleto de armas de todos os calibres, olha todas e escolhe duas pistolas 7.65 e três granadas, de cortesia recebe uma aula de como passar com as armas por detectores de metais no aeroporto, João paga o preço combinado se despede de Tião que logo manda deixá-lo na Ilha do Governador. No caminho lembrou-se da celebre frase de Che Guevara, “a que endurecer sem perder a ternura”. Quem melhor descreveu a personalidade de João, foi a escritora Clarice Lispector com essa frase, “Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar.”

Já estava na hora de voltar para Brasília, se despede das filhas e da ex e vai para o aeroporto Santos Dumont, mas

antes faz o que aprendeu com Tião medonho, envolve a pistola e a granada com câmara de ar de bicicleta e coloca na mala e embarca rumo à capital da república. O vôo correu sem problema algum, no aeroporto internacional de Brasília pega um taxi e vai para seu apartamento fazer planejamentos para seu intento, era muita minuciosidade para pensar, nada poderia sair errado.

Apesar do espírito revolucionário, era um homem romântico, tinha uma namorada que ele a chamava de Céu e dizia sempre a ela, amor quando me entrego a uma mulher me entrego de corpo e alma e assim vivia um romance sem precedentes, Céu uma advogada respeitada no seu meio, nada sabia dos planos de João, ele não queria comprometê-la em nada que viesse a prejudicá-la mais tarde.

João sabia que ao entrar no congresso nacional para ser juiz dos seus algozes, não sairia de lá com vida, era como entrar no portal do inferno de Dante Alighieri, mas de qualquer forma é melhor que ficar no vestíbulo do inferno, ele decide entrar no portal do inferno, a onde não tem portas ou cadeados, somente um arco com um aviso que adverte: uma vez dentro, deve-se abandonar toda a esperança de rever o céu, pois de lá não se pode voltar. Já o vestíbulo do inferno é a morada dos indecisos, covardes que passaram a vida "em cima do muro". Eles nunca quiseram assumir compromissos, tomar decisões firmes, por acharem que assim perderiam a oportunidade de fazer alguma coisa.

O celular toca e do outro lado é Rita de Cássia sua amiga jornalista que trabalha na TV câmara, o convidando para jantar em um dos melhores restaurantes de Brasília, freqüentado por deputados e senadores, ele aceita o convite; e lá pelas 21h00min passa na casa de Céu e vai se encontrar com Rita e seu namorado Ivan que trabalha como segurança no Congresso Nacional. Dentro do restaurante muito requinte, todos com ares esnobes, deputados, senadores conversavam sobre amenidades e conchavos, como bom jornalista observava a sua volta, ficou estarecido ao ler o cardápio e ver que o vinho mais barato, se é que se pode chamar de barato, tinha o preço de dois salários mínimos, esse valor daria para alimentar uma família de quatro pessoas ao mês, mas estarecedor ainda foi ouvir as gargalhadas a sua volta de quem iria pagar a conta, ouvia-se redundante “Zé povinho”, essa farra com o dinheiro do povo tinha que parar; na mesa Céu, Rita com seu namorado e João conversavam sobre a ganstaça desordenada e a corrupção dos políticos brasileiros, alguém tinha que parar com a farra do boi, disse Céu, e esse alguém tinha que ser um guerreiro urbano, um revolucionário político, caracterizado por valentia e natureza decisiva, más também um patriota ardente e um lutador pela libertação de seu país, um amigo de sua gente e da liberdade. Mal sabia Céu que esse guerreiro estava ao seu lado e era seu namorado João.

Depois de despedir-se de Rita e seu namorado e levar Céu em casa, foi dar uma esticada em um bar da capital,

onde deixava ele dar uma palinha musical; o que vocês não sabiam é que João era um bom músico tocador de violão e ótimo compositor; nesse dia tomou um porre homérico, e quase, pois todos os seus planos por água abaixo, na mesa que ele estava sentado havia duas amigas com dois policiais federais da ativa bebendo e conversando e João já bêbado sem medir as palavras e as conseqüências, começou a falar em explodir o congresso, os dois policiais olharam um para o outro, pediram licença e foram até o banheiro para conversar sobre o que João havia falado a mesa, pois poderia ser alvo de investigação, ele deu tanta sorte que um dos federais dissuadiu seu colega, dizendo se tratar de conversa de bêbado em bar e esqueceram a conversa; depois desse episódio João nunca mais tomou um porre.

Os dias se arrastavam e nosso protagonista, dia a dia se decepcionava mais com a política instalada no país. João com seus devaneios imaginava políticos que não estivessem interessados em nenhuma outra forma de poder senão o exercício pleno do cargo legislativo; partidos que não almejassem administrar o país o estado e os municípios, mas simplesmente legislar e fiscalizar os atos do poder executivo.

Foi então que montou um jornal na cidade aonde podia dizer o que pensava, sobre os políticos e suas políticas, aproveitando-se da liberdade de imprensa, colocava seu ponto de vista para a população sobre os malefícios que a corrupção traz ao povo.

Em sua primeira edição usou todas as páginas do jornal para esclarecer a população o que a corrupção endêmica trás de mal a nação; tendo como título de capa “CORRUPÇÃO NO BRASIL A CÉU ABERTO”, e começou a enumerar os escândalos até aqui vivenciados por nossa gente boa, tolerante, nem tanto inocente mais comovente, escrevia nas entrelinhas do seu jornal, tentando abrir a mente das pessoas, tentando ensinar sobre o mal que a corrupção faz.

Eu pessoalmente como jornalista político e escritor, gostaria tanto que nossos governantes lessem sobre os sermões do Padre Antônio Vieira, quem sabe aprenderiam alguma coisa boa.

João na primeira página começa com o Sermão do Bom Ladrão, que foi escrito em 1655, pelo Padre Antônio Vieira. Ele proferiu este sermão na Igreja da Misericórdia de Lisboa (Conceição Velha), perante D. João IV e sua corte. Lá também estavam os maiores dignitários do reino, juízes, ministros e conselheiros. Neste sermão nos vemos diante de um diagnóstico que parece mesmo atemporal, desnudando os desmandos e a mistura de interesses públicos e privados que infesta a administração pública brasileira desde o início da colonização, contexto em que os sermões são escritos, até os dias correm. Note:

O ladrão que furta para comer, não vai, nem leva ao inferno; os que só não vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera. (...) os ladrões que mais própria e dignamente merecem este

título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias e, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

Observa-se que em num lance profético que mostra o seu profundo entendimento sobre os problemas do Brasil, acusa os governantes do Brasil de roubarem escandalosamente, ele ataca e critica aqueles que se valiam da máquina pública para enriquecer ilicitamente. Denuncia escândalos no governo, riquezas ilícitas, venalidades de gestões fraudulentas e indignadas com a desproporcionalidade das punições, com exceção óbvia dos mandatários do século XVII. Vieira usou o púlpito como arauto das aspirações públicas, a guisa de uma imprensa ou de uma tribuna política. Embora estivesse na igreja da Misericórdia, disse ser a Capela Real e não aquela Igreja o local que mais se ajustava a seu discurso, porque iria falar de assuntos pertinentes à sua Majestade e não à piedade. O padre adverte aos reis quanto ao pecado da corrupção passiva e ativa, pela cumplicidade do silêncio permissivo. O sermão apresenta uma visão crítica sobre o comportamento imoral da nobreza, da época e de agora.